

XII ENCONTRO DA INTERNACIONAL
DOS FÓRUNS
VIII ENCONTRO INTERNACIONAL DA ESCOLA
DE PSICANÁLISE DOS FÓRUNS DO CAMPO
LACANIANO

1 - 5 MAIO 2024

AN
GÚSTIA

COMO
FAZÊ-LA
FALAR?



MAISON DE LA CHIMIE
28 BIS RUE SAINT-DOMINIQUE
75007 PARIS - FRANCE

Violência sexual, criança, adolescência: o que resta dessa experiência?

Esther Mikowski

O enunciado de Lacan¹ “*as pulsões são no corpo um eco do fato que há um dizer*” orientou a pergunta inicial deste trabalho: se “*as pulsões são no corpo um eco do fato que há um dizer*” que lugar damos a fala e ao silêncio do sujeito quando a angústia diante da violência toma (seu) corpo?

Como outros acontecimentos de real, diante da vivência da violência sexual na infância e na adolescência, a possibilidade de dizer é particular. No entanto, há um traço comum nos inúmeros sujeitos que escutei: um resto indizível da experiência que se traduz em “eu não pude dizer”.

O corpo do ser falante é afetado, seja no seu dizer ou no seu silêncio, de modo que o efeito traumático se perpetua. Angústia, afeto primordial que não engana, acompanha o silêncio originado pela culpa, pelo prazer, pelas famílias despedaçadas e pelas consequências do seu ato de dizer.

Importa lembrar que sexualidade infantil desde Freud implica a maturação lógica da sexualidade intrínseca ao Outro que nomeia o corpo e introduz a satisfação. Em seguida, um período de latência viabiliza a criança desejar saber e vivenciar intensamente a descoberta do mundo. “*O que diz Freud é [...] que as teorias sexuais infantis [...] vão marcar com seus vestígios o desenvolvimento de um sujeito, toda a sua história, tudo o que será para ele a relação entre os sexos*”². Esses vestígios tomam outra dimensão quando a violência atravessa a descoberta do gozo do corpo, as teorias sexuais infantis e até a ressignificação da genitalidade na puberdade. Observamos Freud distinguir a latência das outras fases e apontar afetos como asco e vergonha referidos à sexualidade recém descoberta. Assim, a marca lógica da latência é divisor de águas e está intimamente relacionada a como o ato será interpretado e elaborado.

A violência sexual pode antecipar o gozo sexual, não mais vivido como autoerotismo ou fruto das pesquisas que as crianças realizam umas com as outras. O que resta quando ao

¹ Lacan, Jacques. (2007). O seminário, livro 23: *o sinthoma*. (Sergio Laia, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Obra originalmente estabelecida em 1975-76).

² Lacan, Jacques (1995). O seminário, livro 4: *a relação de objeto*. (Dulce D. Estrada, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Obra originalmente estabelecida em 1956-57), p. 49

XII ENCONTRO DA INTERNACIONAL
DOS FÓRUNS
VIII ENCONTRO INTERNACIONAL DA ESCOLA
DE PSICANÁLISE DOS FÓRUNS DO CAMPO
LACANIANO

1 - 5 MAIO 2024

AN
GÚSTIA

COMO
FAZÊ-LA
FALAR?



MAISON DE LA CHIMIE
28 BIS RUE SAINT-DOMINIQUE
75007 PARIS - FRANCE

invés de hipóteses ou fantasia, a criança é tomada pela concretude do ato?

As fantasias decorrentes desse encontro sexual velam uma cena vivida na realidade concreta e compartilhada. Embora concordemos com Freud³ quanto ao estatuto da realidade, quando diz que “*no inconsciente não existe um signo de realidade, de modo que não se pode distinguir a verdade da ficção investida com afeto*”, se a experiência sexual é tomada como violência, produz outros efeitos de anteparo ao traumático que a fantasia encobre. Especialmente porque a criança e o adolescente se encontram “*em condição desigual de gozo*” nas palavras Minaudo⁴. Elas estão diante do gozo do adulto, marcado pelo poder sobre o corpo e pela condição de dominância, seja pela força física ou pela sua representação no meio social. Quando o adulto é respeitado e idealizado pelo sujeito e sua família, como no caso educadores, líderes religiosos ou figuras patriarcais, outra barreira se impõe.

Dor, prazer, culpa, medo são, entre outros, representantes pulsionais que marcam o corpo violentado. Como lembra Soler⁵ “*o significante afeta e o afeto é determinado apenas pelo significante*”, e se ele é indizível e pessoal, tentar dizê-lo é fazer uso do significante e das palavras do Outro, do discurso que, por sua vez, “*ao nomear os afetos, os fabrica, os isola na indeterminação da experiência vivida*”. Quando o silêncio é rompido e a violência como adjetivo marcam o ato, há algo que cai e nem sempre as palavras tomam lugar como meio de elaborar a experiência. Por outro lado, colocada em palavras, a violência toma (o) corpo, especialmente se vinculadas à voz do outro que intitula o ato como tal. Afinal, é comum que o sujeito não interprete o ato como violência. Em alguns casos, depende de um terceiro intervir e colocar a céu aberto o que seria restrito a quatro paredes, seja através de questionamentos ou como testemunha. Em outras situações, somente no encontro com o sexo na adolescência ou vida adulta o sujeito tem oportunidade de elaborar o que vivenciou em tenra idade.

A maior parte dos abusos sexuais infantis acontecem no seio da família ou em espaços considerados seguros pelos familiares e são cometidos por adultos cujo vínculo de confiança é

³ Freud, Sigmund (2006). Carta 69.(Tradução de Jayme Salomão). In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago. V. 1, p. 309. (carta datada em 21 de setembro de 1897).

⁴ Minaudo, Julia (2020). Incesto y abuso: una pandemia amordazada (hacia un psicoanálisis transformativo). in Iuale, Lujan, Minaudo, Julia, Saubidet B., Augustina (2020). *Alzar la voz: incidencias clinicas del incesto*. 1a ed adaptada- Ciudad autonoma de Buenos Aires: La Docta Ignorancia.p. 69

⁵ Soler, Colette. (2022). Os afetos lacanianos. (Cicero Oliveira, trad.). São Paulo: Aller Editora. p. 13

XII ENCONTRO DA INTERNACIONAL
DOS FÓRUNS
VIII ENCONTRO INTERNACIONAL DA ESCOLA
DE PSICANÁLISE DOS FÓRUNS DO CAMPO
LACANIANO

1 - 5 MAIO 2024

AN
GÚSTIA

COMO
FAZÊ-LA
FALAR?



MAISON DE LA CHIMIE
28 BIS RUE SAINT-DOMINIQUE
75007 PARIS - FRANCE

o meio de acesso. Quando o vínculo de confiança e os afetos estão em questão, além da irrupção de gozo a nível de corpo, uma desordem a nível de laço de filiação se estabelece⁶, pois o rompimento dos vínculos ou o temor do que pode vir a acontecer pode ser uma bússola na tomada de decisão sobre o que pode ser dito. Onde a Lei, aquela que interdita e opera a castração, deveria fincar raízes, há um vácuo e a angústia se sobressai.

Desse modo, o voto de confiança enunciado com palavras torna o ato mudo e capaz de materializar um silêncio absoluto em que o sujeito violentado questiona a validade tanto dos seus afetos quanto da sua palavra.

Soler⁷ lembra que "*falar engaja a articulação significativa, mas não somente ela, engaja o endereçamento, é o uso mais frequente da língua, o endereçamento de um a outro*". Diante do risco endereçamento da sua história causar rupturas ou morte, como podem ser levadas a crer a partir das ameaças sofridas, o silêncio é opção frequente. Por outro lado, falar da sua história e dos seus temores convoca uma resposta nem sempre acolhedora do outro o que pode ser determinante no atravessamento da experiência. Por isso, é comum que revelem primeiramente a outros cuidadores primordiais, como os educadores, quando há o risco da desconfiança dos pais ou se são eles a perpetrar a violência.

Há aquelas situações em que a impotência diante da violência ressoa como culpa. Ao considerar que uma ação sua evitaria o ato e, conseqüentemente, não causaria dor e sofrimento a si e aos demais, o sujeito assume um lugar difícil de manobrar senão através do dizer e de uma escuta disponível. Acontecem também do sujeito tomar parte e não reconhecer como violência, como se não houvesse ressonância entre o que se experienciou e o que o outro nomeia como interdição, ainda que corpo seja afetado.

Afinal, o inter-dito na violência sexual contra crianças e adolescentes, ou seja, o que se diz quando se nomeia um ato como tal, é uma proibição do adulto de tomar o corpo da criança e do adolescente como objeto do seu gozo sexual. E no espaço entre o ato e o dizer permeiam afetos, sendo a angústia o catalis-a-dor dessa experiência.

⁶ Iuale, Lujan (2020). El lazo incestuoso y la perturbación del cuerpo. In: Iuale, Lujan, Minaudo, Julia, Saubidet B., Augustina (2020). Alzar la voz: incidencias clinicas del incesto. 1a ed adaptada- Ciudad autonoma de Buenos Aires: La Docta Ignorancia. p. 33

⁷ Soler (2018). Adventos do real: da angústia ao sintoma. São Paulo: Aller editora. p. 82

XII ENCONTRO DA INTERNACIONAL
DOS FÓRUNS
VIII ENCONTRO INTERNACIONAL DA ESCOLA
DE PSICANÁLISE DOS FÓRUNS DO CAMPO
LACANIANO

1 - 5 MAIO 2024

AN
GÚS
TIA

COMO
FAZÊ-LA
FALAR?



MAISON DE LA CHIMIE
28 BIS RUE SAINT-DOMINIQUE
75007 PARIS - FRANCE